



A construção histórica da adolescência

The historical construction of adolescence

Por Luciano de Carvalho Lírio

Bacharel em Teologia (SETECERJ)

Licenciado em História (UERJ)

Especialista em História Moderna (UFF)

Mestrando em Teologia (EST)

Bolsista CAPES

lucianomission@yahoo.com.br

Resumo:

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a construção do conceito/condição da adolescência através da história. Reconheço que o adolescente é um ser biológico e também social e ao contrário dos demais seres da natureza o ser humano é capaz de se produzir a si mesmo como sujeito. É necessário reconhecer os hábitos que serão produzidos a partir dessas mudanças psicossomáticas na adolescência a partir da inclusão do indivíduo na puberdade para estudar os conceitos de representação que evocam uma multiplicidade de significados na história da humanidade.

Palavras-chave:

Adolescência. Puberdade. História. Identidade.

Abstract:

The present work proposes a reflection on the construction of the concept condition of adolescence through history. I recognize that the teenager is a biological and also social and unlike other beings of nature man is able to produce yourself as a subject. It is necessary to recognize the habits that will be produced from these psychosomatic changes in adolescence from the individual's inclusion at puberty to study the concepts of representation that evoke a multitude of meanings in history of mankind.

Keywords:

Adolescence, Puberty, History, Identity.

Introdução

A adolescência não é um simples momento de espera até a vida adulta, não é apenas a passagem da infância para a juventude, mas “um período de readaptação, de formação e da identificação da identidade do sujeito”.¹ Dessa busca em compreender o que significa ser adolescente e o que é a adolescência que me dedico a pesquisar sobre esse ser inteiro que nem é uma criança crescida nem um adulto que ainda precisa amadurecer.

É um conceito escorregadio o conceito/condição da adolescência em tempos de

liquidez, segundo Bauman,² busco como referencial teórico-metodológico as contribuições da Psicologia, da Sociologia, das Ciências Biológicas e sua articulação com a Teologia e a Pedagogia sob a perspectiva pós-moderna.

Adoto o termo adolescente segundo a Organização Mundial de Saúde, que estabelece a adolescência entre os 10 e os 19 anos de idade, por contemplar os aspectos biossomáticos da adolescência fundamentais na pesquisa. Considero insatisfatória a faixa etária entre 12 a 18 delimitada no ECA, por considerar que essa demarcação etária é fruto de uma ação legalista do Direito que identifica o fim da adolescência com a maioridade civil no Brasil e incompleta pois subtrai os dois

¹ ERIKSON, E. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972. p. 20.

² BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 5.

primeiros anos da fase inicial da adolescência onde se iniciam as transformações corporais e as alterações psíquicas como frutos do início da puberdade e os dois anos finais, caracterizados pela inserção do adolescente no mundo adulto.

A construção histórica da adolescência

Embora o conceito/condição adolescência como uma fase distinta e intermediária entre a infância e a idade adulta seja algo contemporâneo ao século XX ocidental, o advento da puberdade como fenômeno fisiológico desencadeador das mudanças físicas e comportamentais que indicavam a entrada da criança no mundo dos adultos era o acontecimento mais relevante nas culturas antigas.³

Adolescência e puberdade

Segundo Erikson,⁴ o desenvolvimento humano inicia-se no biológico e evolui através do individual e do social, ou seja, existe um gatilho fisiológico que desencadeia as transformações biopsicossociais que são produzidas ao longo da vida do indivíduo, transformando-o em sujeito.

A puberdade é um elemento fundamental para compreender a construção histórica e social da adolescência por possibilitar a inserção do indivíduo no mundo do adulto como um rito de passagem orgânico e natural, mas ao mesmo tempo uma construção social e histórica capaz de fixar limites e manter a ordem social e simbólica.⁵

A partir da leitura e interpretação das marcas, signos e impressões que as diversas culturas fazem nesses fenômenos de transformações resultantes do processo de maturação sexual do ser humano, denominada puberdade é que podemos identificar e analisar o sujeito no seu momento de formação e de identificação da identidade.

Os rituais de passagem são marcados por cerimônias de separação (preliminares) e de agregação (pós-liminares), apresentando na interface desses dois momentos distintos, um período de liminaridade, no qual se estabelece

o ritual. Representa desta maneira um momento essencial de transformação, transposição e auto-afirmação pelas quais o adolescente vai vivenciar, aquilo que era novo deixará de ser, dando lugar para novas experiências e vivências que contribuiram para seu amadurecimento.⁶

Não pretendo unificar adolescência com puberdade, o que seria um erro, pois não se tratam de palavras sinônimas. A adolescência engloba além dos aspectos biológicos da puberdade os elementos psicossociais próprios dessa fase, influenciados por aspectos culturais, mas que não são deflagrados apenas pelos impulsos fisiológicos. A mídia com o objetivo de produzir consumidores vem exigindo condutas de adolescente e jovem adulto em crianças de oito, nove, dez anos de idade.⁷

A puberdade é um parâmetro universal ao ser humano impregnado de valores morais e éticos mesmo naquelas culturas que não reconhecem a adolescência socialmente. É mais que um puro indicador biológico. A puberdade também serve como um sinalizador de ritos de iniciação, escolhas de papéis e de construção de relações para a vida adulta do sujeito. É a fase da morte ritual da criança e o nascimento do ser adulto.

A puberdade engloba o conjunto de modificações biológicas que transformam o corpo infantil em adulto, constituindo-se em um dos elementos da adolescência. A puberdade é constituída pelos seguintes componentes: crescimento físico: aceleração, desaceleração, até a parada do crescimento (2º estirão); maturação sexual; desenvolvimento dos órgãos reprodutores e aparecimento dos caracteres sexuais secundários; mudanças na composição corporal; desenvolvimento dos aparelhos respiratório, cardiovascular e outros.⁸

Esse universo simbólico interfere na puberdade imprimindo-lhe signos, marcas e significações. As transformações pubertárias são ressignificadas no contexto histórico em que o

³ SANTOS, T. M. *Noções de psicologia do adolescente*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1996. p. 30.

⁴ ERICKSON, 1972, p. 25.

⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 7.

⁶ BRÊTAS, José R. S. *Os rituais de passagem segundo adolescentes*. São Paulo: UNIFESP, 2008. p. 405.

⁷ OUTEIRAL, J. *Conhece-te a ti mesmo*. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p.15.

⁸ CODEPPS. *Manual de Atenção à Saúde do Adolescente*. São Paulo, 2006. p. 17.

indivíduo está inserido, embora ela ocorra como fenômeno biológico de maneira semelhante em todos os indivíduos da espécie humana independente do seu contexto histórico-social.⁹

A adolescência e a puberdade se relacionam na ordem orgânica e psicológica, mas a sexualidade pode ser antecipada ou sublimada temporariamente tanto por elementos construídos culturalmente quanto pela significação que o indivíduo atribui ao seu próprio corpo e à sua alma. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS):

A sexualidade é um aspecto central do bem-estar humano, do começo ao fim da vida, envolvendo sexo, identidade de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução.¹⁰

Foucault menciona que no Ocidente durante Idade Moderna, por influência das reformas religiosas, multiplicaram-se os discursos sobre o sexo com o intuito de escondê-lo, tratando-o como pecado ou uma patologia. A sexualidade é talvez o dispositivo histórico, a invenção social que mais produz “verdades” impregnadas de valores morais, sociais, religiosos, econômicos e históricos.¹¹ Zucco afirma que não existe um padrão universal de sexualidade:

A sexualidade está impregnada de convenções culturais que modelam as relações sociais e sexuais de adolescentes, jovens, adultos, idosos e assume formas e significados distintos, de acordo com a cultura na qual está inserida. Há variações na dinâmica social dentro de uma mesma comunidade, segundo a ideologia, a origem social, a religião, os valores e as crenças das famílias.¹²

A adolescência através da história

Na Antiguidade, com raras exceções, a fase anterior ao momento que o indivíduo passava a

exercer plenamente todas as responsabilidades de um adulto era sempre considerada como um período crítico. O juvenil é retratado pelas culturas antigas como naturalmente arredo e avesso aos bons costumes, alguém incapaz de escolher o bem sem os conselhos dos mais velhos:

Nossa juventude [...] é mal educada, zomba da autoridade e não tem nenhuma espécie de respeito para os mais velhos. Nossas crianças de hoje [...] não se levantam quando um ancião entra numa sala, respondem a seus pais e tagarelam em lugar de trabalhar. São simplesmente más (Sócrates, 470-399 a.C.).¹³

O moço é considerado um ser desprovido da sabedoria adquirida com os anos da idade. O jovem tinha ao ser favor apenas a robustez e a beleza típicas da juventude.

Esta juventude está corrompida até o mais profundo do coração. Os jovens são malfetores e preguiçosos. Não serão nunca como a juventude de antigamente. Os de hoje não serão capazes de manter nossa cultura (escrito num jarro de argila nas ruínas de Babilônia, mais de 3.000 a.C.).¹⁴

A própria Bíblia colabora com essa visão de que os jovens não sabem aproveitar a juventude: no livro de Gênesis o próprio Deus afirma que o coração do homem é mal desde a sua juventude, o Eclesiástico declara que a adolescência e a juventude não passam de vaidade, Paulo adverte os moços para que fujam dos desejos maus da mocidade.

Na Antiguidade a sabedoria era sinônimo de bagagem de conhecimento teórico, mas o conjunto de experiências práticas vividas e adquiridas ao longo da vida, refletidas no valor humano que o indivíduo pudesse administrar na sua vida e para com aqueles com quem ele tivesse contato, algo considerado ausente nos moços. Por isso, Paulo escreve a Timóteo para que ninguém o despreze por ser jovem. Platão dedicou o Livro III da República à instrução da mocidade.

⁹ MATHEUS, T. C. Quando a adolescência não depende da puberdade. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 2008, p. 617.

¹⁰ LIMA, J. D. *O despertar da sexualidade na adolescência*. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2000. p. 11.

¹¹ FOUCAULT, M. *A história da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 45.

¹² ZUCCO, L. *Sexualidade na adolescência no novo milênio*. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2000. p. 45.

¹³ LIBANIO, J. B. *Jovens em tempo de pós-modernidade*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 33.

¹⁴ LIBANIO, 2004, p. 33.

O conflito de gerações, que muitos consideram um construto da modernidade, está presente nos escritos antigos de várias culturas e civilizações. Um sacerdote egípcio escreveu a cerca de quatro mil anos que “este mundo atingiu um estágio crítico. As crianças não escutam mais seus pais. O fim do mundo não pode estar longe”.¹⁵

Tanto na Antiguidade quanto na Idade Média não existia o conceito contemporâneo do que chamamos de adolescência. Esta era confundida com a infância ou com a adultidade jovem, denominada em Roma de *juventus*. A troca das vestes de criança para as de um adulto era marcada por um ritual de passagem que variava tanto em costumes quanto em faixa etária, mas que eram sempre pontuados pelos sinais visíveis da entrada do sujeito na puberdade, ou seja, os caracteres sexuais secundários como o aparecimento de pelos nas axilas, na genitália, na face dos meninos e o amadurecimento dos órgãos sexuais.

A Roma Antiga até o século II a.C. não conheceu esse período de idade que hoje chamamos de adolescência e juventude. Fazia-se uma passagem direta da idade infantil para a adultidade por meio do rito cívico-religioso. As três idades eram infância, adultidade e velhice que chegavam bem precocemente.¹⁶

A relação familiar era permeada pelo sentimento de posse onde o filho ganhava ou perdia o direito de ser filiado e herdar os bens da família. Tanto na Grécia quanto em Roma os meninos eram colocados bem cedo aos cuidados de amas, preceptores ou do Estado como no caso de Esparta.

Na Idade Média era comum enviar as crianças após o desmame, que ocorria entre os seis aos oito anos de idade, para passarem por igual período que hoje denominaríamos de adolescência na casa de algum artífice ou profissional a fim de aprenderem boas maneiras. O objetivo era funcional, prepará-los para assumir as funções inerentes a sua respectiva classe social, e o cerimonial, por mais simples que fosse, vinha carregado de significação

de valores importantes socialmente que o validava moralmente para aquela comunidade.

Exemplo era a *barbatoria*, cerimônia que se seguia ao primeiro barbear do rapaz, sendo que o pêlo era a prova de que a criança tornara-se homem e, então, a qualidade da agressividade poderia ser cultivada, objetivando a boa formação do guerreiro.¹⁷

Na Europa Medieval a figura juvenil está presente em todos os momentos da vida em sociedade: nos jogos, nas brincadeiras, nos serviços, nas tavernas e inclusive nas execuções, tanto como protagonista quanto como testemunha e plateia. Isso ocorria como uma medida didática no intuito de ensinar uma vez que toda a educação acontecia através da aprendizagem no contato de cada dia.

Em uma sociedade em que os corpos assumem papéis definidos e que a correção para qualquer desvio era feita através da violência, havia a preocupação dos progenitores em não privar os seus filhos dessa formação a céu aberto. O adolescente é por definição o aprendiz. Na Idade Média a distinção entre o público e o privado ainda não estava totalmente delimitada em todos os espaços. Não havia uma lei que regesse as relações humanas em um espaço mais globalizado, devido a barreiras linguísticas, culturais e regionalismos feudais.

A partir do Renascimento, a adolescência perde progressivamente, o seu prestígio social. Pelo menos, nenhuma solenidade assinala o seu aparecimento, o que nos leva a presumir que a importância psicológica e social da adolescência não seria reconhecida pelo mundo moderno.¹⁸

Com a Revolução Industrial a formação desse jovem passa a ser mais controlada e direcionada onde a educação prática passa a substituir a formação mais especializada e mais teórica. A educação começa a ter uma base escolar, a família passa por uma reconfiguração, tornando-se gradativamente nuclear em vez de extensiva, o que começa a proporcionar uma maior intimidade maior entre pais e filhos.

¹⁵ LIBANIO, 2004, p. 34.

¹⁶ LIBANIO, 2004, p. 36.

¹⁷ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p. 52.

¹⁸ SANTOS, 1996, p. 35.

Ainda que a adolescência não tenha sido instituída como uma fase intermediária entre a infância e a fase adulta durante o Antigo Regime, os seus aspectos psicossomáticos são explorados, dramatizados e imortalizados na literatura moderna com *Hamlet* e *Romeu e Julieta* de Shakespeare; *Emílio* de Rousseau; *Werther* de Goethe, *Paulo e Virgínia* de Saint-Pierre. Sem esquecer-se daquele que é considerado por muitos como a primeira personificação do adolescente moderno: *Siegfried* de Wagner.

Na Idade Moderna observamos a construção das ideias/conceitos de privado, coletivo e civilidade o que propicia a criação dos limites entre a esfera pública e a privada. O ambiente familiar, as relações interpessoais e a sexualidade lentamente são reconstruídas e direcionadas por um grande arco que denominamos Absolutismo ou Antigo Regime que utilizando de elementos morais, religiosos, sociais e econômicos interconectados vai configurando a juventude moderna.

Se na Idade Média os contatos da família com os seus rebentos não são muito grandes, durante a Idade Moderna a aristocracia manteve-se, através de outros recursos distantes dos seus infantes. A burguesia é que gradativamente soube trabalhar melhor essa relação de proximidade com as suas crianças e os seus jovens.

No século XVIII surgem as primeiras tentativas de definir a adolescência, mas foi apenas no século passado que se solidificou a condição/conceito de adolescente com que trabalhamos atualmente.

A antropóloga Margareth Mead, realizou estudos de 1925 a 1933, sobre alguns povos primitivos dos Mares do Sul, entre eles os nativos da ilha de Samoa. Para divulgar suas descobertas Mead escreveu o livro “Adolescência y cultura en Samoa” (1939).¹⁹

O século passado foi o “século da adolescência” onde o adolescente foi alçado à categoria de herói do século XX. Vimos o surgimento de uma consciência etária à oposição jovem/não-jovem. A moda e a cultura passam a ser

ditados e elaborados para e pelos jovens. Talvez o século XXI tenha iniciado com uma busca pela sua compreensão e entendimento ímpar da figura do adolescente em comparação com os demais, o que não significa a sua valorização.

Concepções sobre adolescência

Há muita disparidade de pontos de vista quanto ao início e o término da adolescência. O consenso é maior quando falamos sobre o começo da adolescência, pois esta fase está interligada com o início da puberdade. Mas o grande problema é tentar fixar uma data para o seu término, uma vez que as concepções/conceitos variam entre as disciplinas e campos de conhecimento.

Tanto a psicologia quanto a psicanálise defendem ser imprudente fixar universalmente idades específicas para esse período da vida do sujeito, por vários motivos: com os avanços da medicina observamos que a idade cronológica por vezes é um indicador deficiente da idade biológica. A adolescência precisa ser trabalhada individualmente, e pelos sexos. É necessário fugir das generalizações sobre o conceito/condição adolescência por serem fruto de um ponto de vista errôneo baseado na cultura do senso comum, que visualiza o adolescente pelo simples aspecto fisiológico com capacidade adquirida de procriar.

O primeiro estudo significativo sobre a psicologia da adolescência data de 1904 e foi realizado no Granville Stanley Hall, considerado o pai da psicologia da adolescência.

Autores como Muuss (1976), Sprinthal e Collins (1994) e Ferreira (1995), referem que Hall postulava que na adolescência o indivíduo passava por um novo nascimento, marcado por mudanças significativas, que culminavam numa nova personalidade, diferente da personalidade da infância. Essas mudanças eram consequências da maturação sexual, sendo, portanto de origem biológica. Ele denominou esse período de tempestade e tensão, caracterizado por anomalias de comportamento que se modificavam à medida que o indivíduo alcançava a maturidade sexual.²⁰

¹⁹ FERREIRA, Manuela. Adolescências... Adolescentes... *Revista Educação, ciência e tecnologia*, Portugal, 2002, p. 143.

²⁰ FERREIRA, 2002, p. 144.

Em 1909 Willian Healy criou um Instituto de Psicopatia Juvenil e em 1915 ele publicou o primeiro estudo sistemático de fatores psicodinâmicos na delinquência juvenil. Freud escreveu em 1905 sobre transformações em objetivos e objetos sexuais ocorridas na puberdade. Ele foi o primeiro a ressaltar o desligamento psicológico do adolescente em relação aos pais como uma experiência de luto, porém fundamental para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade, pois o vir a ser adulto seria o fruto desse desligamento:

Na puberdade, quando o instinto sexual faz as suas primeiras exigências, o antigo objeto familiar incestuoso é retomado de novo e carregado de libido [...] A partir daí, o indivíduo humano tem de dedicar-se à tarefa de se separar dos seus pais, e, até que esta tarefa não esteja cumprida, ele não pode deixar de ser criança e não pode tornar-se membro da comunidade social. Para o rapaz a tarefa consiste em separar os seus desejos libidinais da mãe empregando-os na escolha de um objeto de amor exterior.²¹

Em 1928, Hollingworth publica o segundo grande texto de psicologia da adolescência e em 1934, Sheldon e Eleanor publicam o primeiro estudo em massa sobre a delinquência juvenil. Mas segundo Weiner, “o comportamento do adolescente ainda não foi totalmente explicado”.²²

Vários autores acreditam que a adolescência se estende além do ingresso na Universidade e perpassa a juventude até o momento em que o indivíduo torna-se capaz de resolver com as situações inerentes ao mundo adulto. Essa é uma visão de transitoriedade que alimenta a teoria da adolescência tardia ou prolongada na geração “canguru”, que reluta em sair da casa dos pais o que retorna para ela, privando-se da liberdade plena de adulto em troca da segurança emocional, econômica e patrimonial. Ressuscitamos o Leviatã de Hobbes!

Para Hurlock²³ o indivíduo só alcança a maturidade legal aos 21 anos, pois ele também

interpreta a adolescência como uma fase de experimentações sem grandes cobranças. Os autores portugueses Amaral Dias e Nunes Vicente consideram a adolescência “como um período de espera (moratória) concedido ao adolescente, enquanto não se encontra com aptidão para satisfazer os compromissos adultos”.²⁴

A adolescência acaba quando o indivíduo encontra um objeto de amor não-incestuoso e a ternura e os impulsos sexuais são dirigidos para este mesmo objeto, visando gratificação sexual genital, isto é, quando a sexualidade está completamente integrada na personalidade.²⁵

Para Fountain a adolescência se encerra quando o jovem consegue se ver e compreender a si próprio e ao mundo que está a sua volta de maneira independente daquele esquema edipiano original. Josselyn afirma que psicologicamente a adolescência termina quando o indivíduo está plenamente capacitado para tratar com os conflitos internos e externos típicos da vida adulta.

Erikson institucionalizou a adolescência, dando continuidade a um processo de naturalização e universalização, definindo-a como uma fase especial no desenvolvimento humano onde o adolescente acobertado pelo conceito de moratória viveria como um estrangeiro, um forasteiro, alguém de passagem que assumiria e descartaria múltiplos papéis até formar a sua própria identidade. Para Erikson o passaporte para ingressar no país dos adultos é a construção da própria identidade. A formação da identidade pessoal, na opinião de Erikson, é a tarefa mais importante da adolescência que é definida por ele como “um modo de vida entre a infância e a vida adulta”.²⁶

Knobel introduziu a noção de “síndrome normal de adolescência” caracterizada por uma sintomatologia que inclui:

busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo

²¹ FERREIRA, 2002, p. 147.

²² DINAH, Martins S. C. *Psicologia da adolescência*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. p. 11.

²³ DINAH, 1975, p. 12.

²⁴ DINAH, 1975, p. 12.

²⁵ DINAH, 1975, p. 12.

²⁶ ERIKSON, 1976, p. 128.

mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal; 6) evolução sexual manifesta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associadas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) separação progressiva dos pais e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo.²⁷

Na interpretação do neurocientista Houzel a adolescência

é o período de transição nas capacidades cognitivas, emocionais e sociais do cérebro que permite que o indivíduo se torne um membro adulto da sociedade, aonde o cérebro se torna capaz de lidar com as competências reprodutivas adquiridas na puberdade e suas consequências. Ainda que as mudanças sejam exibidas no corpo, quem dispara e coordena a adolescência é o cérebro.²⁸

O gatilho para disparar esse processo no cérebro seria na opinião de Houzel o aumento dos níveis de leptina produzido pelo tecido adiposo, ou seja, o aumento nos índices de massa corporal ligado a quantidade de gordura corporal do indivíduo. O fenômeno de a puberdade acontecer mais cedo nas meninas poderia ser explicado pelo fato delas alcançarem um teor de gordura em média dois anos mais cedo que os meninos. A interação entre leptina, hipotálamo, hipófise, gônadas vai dos dez aos quarenta anos de idade.

Considerações finais

Para a psicologia a adolescência é considerada quase sempre como uma fase natural do desenvolvimento da pessoa. Por isso, tem sido acusada de ter naturalizado e universalizado a adolescência. Alguns estudos vêm rejeitando o conceito negativo e pré-estabelecido de

adolescência oferecido pela psicologia clássica, como a psicologia positiva que busca investigar aspectos saudáveis nessa fase como a resiliência, ou seja, a capacidade de superação e adaptação às adversidades, mas ainda sob uma visão naturalizante das capacidades humanas.²⁹

Para a sociologia funcional a adolescência inicia com os fatores fisiológicos da puberdade e as transformações psicossociais que eles ocasionam no indivíduo e termina quando o sujeito é capaz de realizar cinco tarefas: concluir os estudos, ter sustento próprio, sair da tutela dos pais, casar e ter filhos. Essa teoria falha, pois nem sempre o jovem terá condições de realizar simultaneamente e nem mesmo sucessivamente todas essas tarefas numa ordem sequencial; que diferentes sociedades imprimem padrões comportamentais distintos e a adolescência é caracterizada pela “ambivalência entre dependência e autonomia dos pais”.³⁰

A teoria sócio-histórica nega a universalidade da adolescência e desconsidera-a como uma fase naturalmente intermediária entre a infância e a fase adulta. Ela interpreta a adolescência como um momento significado, interpretado e construído pelo ser humano. É um fato social e as marcas que o adolescente carrega são interpretadas segundo a sociedade em que ele está inserido e por isso só podem ser compreendidas naquele contexto. A valorização ou a desvalorização dos sinais típicos da puberdade, ainda que ocorram na ordem biológica são significados e ressignificados de maneira distinta no tempo e no espaço.

O crescimento dos seios para uma jovem ocidental urbana não é interpretado num primeiro momento por ela como a sua capacidade natural para amamentar o futuro filho. A força física dos rapazes atualmente é mais um símbolo de beleza e estética do que aptidão para o serviço braçal ou a capacidade para empunhar uma espada ou lança. A concepção sócio-histórica, ao analisar a adolescência, não se preocupa em perguntar “o que é adolescência”, mas em pesquisar como ela é construída.

²⁷ FREITAS, Maria V. (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil*. referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 29.

²⁸ Disponível em: <<http://extensao.cecierj.edu.br/saladeaula/mod/resource/view.php?id=7912>>. Vários acessos.

²⁹ Resiliência é frequentemente referida por processos que explicam a “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações.

³⁰ FREITAS, 2005.

É uma fase de ajustamento que exige do adolescente um espaço/tempo para que ele possa fazer uma mediação entre a ação provocada pelas mudanças fisiológicas e as influências da estrutura social em que está inserido, como o ajuste corporal promovido pelo crescimento puberal e a identificação de pares.

A dualidade corpórea, neural, psíquica precisa ser recuperada dentro dos Estudos Culturais mantendo, porém, um olhar clínico sobre a adolescência afim de que o termo adolescente não seja simplificado a uma questão cultural. Neste trabalho também são citadas concepções mentalistas e interiorizações psicológicas, sem apresentar a adolescência como uma essência universal permanente e acabada.

[Recebido em: janeiro 2012 e
aceito em: agosto 2012]